

## RP: RELATO DE UMA RESIDENTE PEDAGÓGICA E SUAS OBSERVAÇÕES SOBRE A POSTURA DO PROFESSOR JOVEM EM SALA DE AULA

SARA DE FREITAS VIEGAS<sup>1</sup>;  
EDUARDO MARKS DE MARQUES<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – saradfv@hotmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – eduardo.marks@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O programa Residência Pedagógica (RP) é um programa oferecido pela Instituição Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que visa contribuir para a formação de estudantes de graduação. O objetivo é que os alunos assumam uma turma na Educação Básica, atuando como professores para que se habituem já na graduação à rotina docente.

Ao colaborar com a formação de graduandos, é fato que grande parte dos bolsistas e voluntários seja composta por jovens professores em formação. Por serem jovens, esses graduandos podem se deparar com certo temor e estranhamento, principalmente ao assumir turmas de Ensino Médio pela primeira vez. Isso é acarretado pela pouca diferença de idade entre alunos e professor, podendo gerar determinados comportamentos considerados inapropriados por parte do professor durante a ministração das aulas.

Este trabalho tem como objetivo propor uma discussão, de forma a refletir e problematizar determinados aspectos da possível postura do professor jovem em sala de aula, apresentando o relato de uma Residente Pedagógica como base. É sabido que em nossa cultura é esperada dos professores uma determinada postura, apresentando certos limites traçados na relação professor-aluno. Limites estes que podem estar representados em uma linha tênue que separa a liberdade da licenciosidade, a boa relação da amizade, ou até mesmo o autoritarismo hostil da autoridade. É importante salientar a noção de autoridade aqui adotada, sendo ela não baseada em um autoritarismo unilateral, mas no respeito mútuo, compreendendo-se ser esta a base para uma verdadeira prática disciplinada. Dessa forma, é necessário também compreender que os limites anteriormente mencionados precisam ser muito bem traçados, de forma que a afetividade não interfira do dever do cumprimento ético como professor no exercício da autoridade (FREIRE, 1996).

### 2. METODOLOGIA

O presente trabalho é composto pelo relato de experiência de uma acadêmica do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas e suas observações desde o início do programa, além do estabelecimento de relações com determinados referenciais teóricos. A aluna iniciou as atividades no Programa Residência Pedagógica (RP) no dia 17 de maio de 2023. Seu primeiro contato com a turma ocorreu no dia 13 de junho tendo sido inicialmente composto apenas de observações da aula. As observações continuaram até o dia 20 de junho, tendo ela assumido a turma como professora regente no dia 27 de junho. Sua experiência está concentrada no Colégio Estadual Cassiano do Nascimento,

localizado em Pelotas, no estado do Rio Grande do Sul, em uma turma de 3º ano do Ensino Médio na disciplina de Língua Inglesa.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trazer ênfase para fato desses professores em formação serem compostos em sua maioria por jovens, cria-se uma relação automática entre a palavra jovem e inexperiente. A juventude aliada à inexperiência gerou na Residente o temor inicial de assumir uma turma de Ensino Médio. Antes de ser definida a escola em que iria atuar, sentiu-se aliviada ante a perspectiva de dar aulas para o Ensino Fundamental, sendo o que fora definido previamente. Porém, por questões de logística, foi designada para o Colégio Estadual Cassiano do Nascimento, onde ministraria aulas a uma turma do Ensino Médio. Esse temor foi ocasionado pelo receio de não ser vista como figura de autoridade em sala de aula por conta da pouca de diferença de idade com os alunos, além de sua sensação de despreparo em termos de conteúdo. Em uma conversa com sua antiga coordenadora sobre essa questão, foi-lhe aconselhado que compreendesse seu papel de autoridade e o manifestasse com respeito e prudência, sendo-lhe afirmado que em sala de aula a postura como professora é algo tão importante, senão mais que o ensino de conteúdos unicamente. Sobre isso, Paulo Freire afirma:

Tão importante quando ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. (...) Tão importante quanto o ensino dos conteúdos é minha coerência na classe. (...) Às vezes, é próprio professor que não está certo de ter realmente ultrapassado o limite de sua autoridade ou não (FREIRE, 1996, p.40).

É necessário, portanto, ao professor, que exerça sua autoridade, ainda que esse conceito pareça de difícil definição em termos práticos. Essa ação apresenta complexidade ainda maior para um professor inexperiente, mas é fato que do professor se espera determinada postura. Dito isto, outro ponto que vale a pena destacar é a postura excessivamente amigável ou excessivamente hostil com a qual jovens professores podem vir a ter no trato com os alunos. Após o primeiro contato com a turma, a Residente pôde assumir uma postura menos temerosa, visto que a turma fora receptiva e educada. No entanto, esse fator levou-a a outro questionamento e preocupação: o cuidado para que a figura do professor não fosse descaracterizada na relação com os discentes. A Residente observou que os limites mencionados previamente devem ser bem estabelecidos não só pela forma com que os estudantes a enxergavam, mas também pela forma com que via a si mesma no papel de professora.

É importante salientar que o professor não deveria assumir o papel de amigo dos alunos, pois dessa forma deixaria de exercer sua autoridade de maneira imparcial. Esse aspecto acaba se manifestando também em outro extremo: o da hostilidade, pois ao imaginar-sena mesma posição de seus alunos, acaba por não submeter-se a seus próprios limites de autoridade, que incluem o respeito a quem está sob sua responsabilidade. Em seu livro “Conversas com Um Jovem Professor”, Leandro Karnal, professor com grande experiência, relata eventos passados ocorridos em sala de aula ao lidar com seus alunos. Em determinado momento ele comenta sobre alguns erros que o professor pode vir a cometer, sendo um deles o trato hostil ao se tomar uma brincadeira como ofensa pessoal, relatando um episódio ocorrido que resultou em uma resposta cortante e

humilhante de sua parte, tendo como alvo um de seus alunos, que fizera uma pergunta em tom de brincadeira (KARNAL, 2012, pag. 31). Sobre isso ele afirma:

Quem aqui é o adolescente e quem é o adulto? Quando respondo da maneira como eu respondi, estou dizendo com clareza: ambos somos adolescentes, nenhum de nós amadureceu. No caso de alguém da idade dele, natural; no meu caso, um equívoco (KARNAL, 2012, pag. 32).

Dessa forma, é possível notar que o exercício da autoridade, principalmente ao se falar do professor jovem, pode ser impedido por dois aspectos: a afetividade em demasia, como foi afirmado por Freire, e a hostilidade em demasia, como afirmado por Karnal. Independente do extremo, ambos os equívocos geram essa descaracterização da figura do professor, pois ao agir como um “igual” com seus alunos, acaba por não ter o impacto que deveria na vida de seus alunos, ou pior, acaba por ter um impacto negativo.

Quando em sala de aula, a Residente muitas vezes se deparou com perguntas, reflexões e brincadeiras por parte dos alunos. Percebeu-se que a melhor maneira de agir é ter uma resposta positiva, procurando incentivar a curiosidade, a criatividade e o bom relacionamento para com os alunos. Isso tem sido feito através da delimitação de certos limites. Um exemplo disso é que ao observar os alunos em uma conversa pessoal em um momento de descontração, não se intromete, mas permite que os alunos a insiram, de maneira a não invadir seu espaço pessoal. Acredita-se que a importância desse cuidado é para que os alunos tomem-no como exemplo na forma de lidar com a professora e com os colegas, ao que eles responderam positivamente, fazendo com que percebessem os limites e liberdades que poderiam tomar no ambiente da sala de aula.

Até o momento os alunos responderam bem à presença da Residente, porém, em alguns momentos é necessário o uso de atitudes mais incisivas para que os alunos realizem de fato as tarefas solicitadas. Isso apenas salienta que a maneira de lidar com os alunos é algo a ser construído processualmente e através de experiências. É sabido que a teoria muitas vezes não prepara os graduandos para todas as situações complexas que poderão se desenvolver dentro do ambiente da sala de aula, contudo é necessário ter sempre em mente que ao professor cabe adotar uma postura profissional, visando não somente a valorização de sua profissão, mas também a formação ética de seus alunos, que devem ver o professor como autoridade. Autoridade essa que não existe apenas para a imposição de regras de convívio social, mas também para o exercício de sua liberdade, pois “o autoritarismo e a licenciosidade são rupturas do equilíbrio tenso entre autoridade e liberdade” (FREIRE, 1996).

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se que durante sua experiência com o Programa Residência Pedagógica, que ainda está em vigência, a Residente passou a se dar conta de alguns desafios existentes em sala de aula. Desafios esses que não estão diretamente relacionados ao conteúdo programático, mas ao relacionamento professor-aluno. Esse desafio em específico propõe uma constante auto-avaliação por parte do professor, principalmente do jovem professor, que com sua inexperiência tende a cometer erros como os mencionados previamente. Notou-se que ao longo das aulas, muito mais difícil que a realização das atividades, era a criação de um equilíbrio dinâmico entre o bom relacionamento com os alunos e

o uso correto e imparcial da autoridade, de modo que não houvesse a descaracterização da figura do professor(a).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KARNAL, L. As pedras na nossa estrada. In: KARNAL L. **Conversas com um jovem professor**. São Paulo: Contexto, 2012. Cap.2, p.29-39.

FREIRE, P. Ensinar exige reconhecer que a educação é uma forma de intervenção no mundo. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Cap. 3.3, p.38-40.